

O Verdadeiro Casanova

TODO o mundo conhece um casanova, aquele inveterado conquistador de corações femininos. Mas quantos de nós conhecem o original, o velhaco único, Giacomo Casanova, Chevalier de Seingalt, cuja vida e amores deixaram marca na paisagem européia?

Um dos maiores aventureiros de todos os tempos, sua cultura e encanto serviam de introdução junto aos ricos e poderosos. Sua reputação de amante era tão grande quanto o seu desamor ao trabalho, sua falta de dinheiro e de raízes. Reis, papas e intelectuais apreciavam seu espírito brilhante. Ele escreveu mais de uma dúzia de livros, entre eles a famosa *História da Minha Vida*, em 12 volumes. Essas memórias, que nada deixam por contar, com seus lampejos surpreendentes de uma



época alegre e permissiva, são reconhecidas hoje como uma obra-prima de literatura.

Casanova começou a sua vida como candidato ao sacerdócio e terminou-a como bibliotecário. O jogo era a sua obsessão, e consta que não perdia o sorriso embora estivesse perdendo fortunas. Não era bonito. De porte atlético, com 1,88 m de altura, tinha olhos escuros e ardentes, o nariz grande e curvo e a boca sensual. A tez morena e algumas marcas no rosto davam-lhe um aspecto feroz. Entre outros prazeres, apreciava boa comida e vinhos, consumindo quantidades espantosas de ambos.

Nascido em Veneza, em 1725, Giacomo nunca teve um lar. Seus pais, atores ambulantes, deixaram-no aos cuidados da avó materna. Ela

matriculou-o numa escola em Pádua, ali perto, hospedando-o numa pensão imunda. Um padre bondoso levou o introvertido menino para sua casa, e Giacomo começou a desenvolver-se. Excelente estudante, mal completara 17 anos doutorava-se em Direito Civil e Canônico. Um ano depois, sua mãe conseguiu a promessa de um emprego como assistente de um bispo no Sul da Itália. Giacomo deu uma olhadela na cidadezinha triste onde teria de viver e, com as bênçãos do bispo, deixou-a. Nesta altura, surge o Casanova que nós conhecemos.

Chegando a Roma sem noção do que iria fazer, arranjou um lugar de secretário com o influente Cardeal Aquaviva. Poderia ter feito carreira na Santa Sé se não se tivesse envolvido num escândalo. Parece que seduziu a namorada de um sobrinho do Papa; como consequência, foi forçado a deixar Roma. Desta vez, dirigiu-se à exótica Constantinopla.

Sua viagem à Turquia foi uma experiência decepcionante. Quando um turco rico lhe ofereceu uma carreira nos negócios e a filha como mulher, se Casanova se tornasse muçulmano, ele recusou. «Eu não podia renunciar à esperança de adquirir fama entre nações mais civilizadas», escreveu mais tarde.

De volta a Veneza, Giacomo foi tocar violino na orquestra de um teatro. Tocava também em casamentos. Saindo de uma festa de casamento numa noite, apanhou uma carta que um senador vestido

de vermelho, do Estado de Veneza, deixara cair a caminho da sua gôndola particular. Grato, o senador Bragadin ofereceu-se para levá-lo a casa. Mal haviam saído quando Bragadin teve um ataque de coração. Casanova saltou da gôndola, achou um médico e salvou a vida do dignitário. O senador, agradecido, convidou-o a viver em seu *palazzo* e concedeu-lhe uma pequena pensão, que pagou pontualmente até à morte, 22 anos depois.

Giacomo agora tinha segurança, um apoio, um protetor. Se pudesse ao menos assentar a cabeça! Em vez disso, dedicou a maior parte dos três anos seguintes a uma vida desregrada. Desde que descobrira, aos 16 anos, que a sua virilidade o fazia extraordinariamente atraente para o belo sexo, vinha passando de uma aventura amorosa à seguinte. Houve louras e morenas, altas e baixas, ricas e pobres, todas bonitas e desejáveis. Mas não houve outra como Henriette.

Conheceu-a numa estalagem no Norte da Itália, quando ele tinha 24 anos. Ela estava vestida como homem, não trazia bagagem e era muito vaga sobre si. Mas queria ir para Parma, e Casanova, com a fanfarronice de sempre, ofereceu-lhe a sua carruagem. «Henriette» era francesa e linda. Era provavelmente uma nobre que abandonara o marido. A maior parte dos três meses que passaram juntos ela viveu com medo de ser reconhecida.

Estavam apaixonados. Vivendo uma felicidade que jamais conhe-

cera, Giacomo era todo ternura e generosidade. «Nunca um momento de mau humor», escreveu ele mais tarde, «para perturbar a nossa felicidade.» Mas o que ela temia aconteceu. Um conhecido francês reconheceu-a, e ela foi forçada a fazer a longa viagem de volta. Separaram-se numa estalagem de Genebra. Agora só, Casanova descobriu que ela escrevera com um diamante no vidro da janela do quarto deles: «Esquecerás também Henriette.»

Quatro anos e muitos beijos depois, de volta a Veneza, Casanova estava pronto para outra ligação profunda. A moça era Caterina, uma encantadora e inexperiente adolescente, chamada discretamente de «C. C.» nas suas memórias. Foram à ópera. Logo estavam passeando de gôndola. Outro encontro, e caíram nos braços um do outro. Mas quando o amante pediu a mão dela em casamento, os pais a prenderam num convento para que se acalmasse. Uma vez que o Doutor Casanova tivesse arranjado um emprego seguro, ela seria dele. «Achei a resposta desoladora», escreve Casanova.

Veneza era rica, alegre, decadente. Mas essa grande mansão do prazer era rigidamente controlada por um governo aristocrata e os seus tribunais secretos tinham poder de vida e de morte. As informações da polícia sobre as extravagâncias de Casanova descreviam-no como um libertino consumado que praticava a magia negra, pregava peças em cidadãos honestos e frequentava antros de jogo. Quando, numa

taverna, ele recitou um poema «profano», o governo decidiu que já era demais.

Aos 30 anos, o playboy foi preso numa noite de verão e levado para o «Piombi» (Chumbos) no alto do Palácio do Doge, uma das prisões mais abjetas e seguras da Itália. Jamais alguém conseguira escapar dali, mas Casanova decidiu ganhar a liberdade.

Trabalhando à noite com uma barra de ferro que apanhara durante um recreio e a qual ele afiara num pedaço de mármore, depois de três meses de labuta Giacomo havia aberto um buraco no chão debaixo do seu catre. Mas, falta de sorte, quando estava suficientemente grande para ele se esgueirar para o escritório em baixo, foi transferido para outra cela. O buraco foi descoberto. Onde estavam as ferramentas? Sem perda de tempo, Giacomo passou o precioso instrumento para um prisioneiro ao lado, um monge chamado Balbi. Sob as instruções de Giacomo, Balbi abriu um buraco no teto fino da sua própria cela, subiu ao sótão logo acima deles e fez outro buraco para a cela de Casanova. Giacomo guindou-se para o sótão, usou a barra de ferro para forçar uma das grandes placas de chumbo no telhado — e os dois prisioneiros viram-se sob um céu estrelado, agarrando-se ao telhado abruptamente inclinado, a uns 30 metros de altura do solo.

Por um fantástico golpe de sorte, Casanova encontrou uma escada deixada ali por operários. Depois de

algum trabalho, fizeram-na passar por uma janela de água-furtada e desceram para um quarto escuro. Despontava a madrugada quando Casanova e Balbi atravessaram escritórios e arquivos, forçaram uma fechadura, abriram caminho através de uma porta reforçada e chegaram até à saída. Calmamente, Giacomo meteu-se em suas velhas roupas que trazia numa trouxa. Assim, usando um chapéu enfeitado de plumas, flanqueado pelo monge trêmulo, ele passou por um porteiro espantado e saiu de Veneza.

Ele não veria a sua cidade natal por 18 anos. A maior parte desse tempo foi passada em viagens aparentemente errantes pela Europa. Mas Casanova era agora uma lenda viva. Sua reputação como contador de histórias e fugitivo da prisão dava-lhe uma aura de distinção. Em Londres, foi apresentado a George III. Em São Petersburgo, discutiu os méritos do calendário russo com Catarina, a Grande. Frederico, o Grande, da Prússia, ofereceu-lhe um lugar de instrutor de cadetes, que Giacomo recusou. Benjamin Franklin convidou-o para uma sessão da Academia Francesa de Ciências. Voltaire, o maior intelectual da França, ouvia atentamente as opiniões de Giacomo. Em Roma, o Papa Clemente XIII ria das suas anedotas e concedeu-lhe a ordem papal da Espora de Ouro.

Sem qualquer dúvida, o veneziano encantador e bem-falante era um cavalheiro. Ou não era? A fim de impressionar, Casanova passara

a intitular-se «Chevalier de Seingalt» — um nome tirado, segundo ele mesmo, «de algumas letras transviadas do alfabeto». Havia nele, na verdade, muito de vigarista. Sua maior vítima foi uma francesa rica, a Marquesa d'Urfé, a quem prometeu transformar num bebê do sexo masculino, que cresceria em contato direto com poderes ocultos, uma bênção negada às mulheres. Ele a manteve em grande expectativa durante sete anos, com imensa quantidade de cerimoniais ridículos e aliviando-a de vasta soma em dinheiro e jóias, que ela entregava alegremente. Separaram-se como amigos. «Jamais achei que estivesse sendo desonesto», argumentou Casanova. «Se eu lhe tivesse dito honestamente que as suas idéias eram absurdas, ela não teria acreditado!»

Seus casos amorosos continuaram um após outro, numa sucessão estonteante. Pelas suas contas, teve aventuras com várias centenas de mulheres. Mas, com todo o seu apetite sexual, o que Casanova procurava, mais que qualquer coisa, era amor. Quando dizia a uma mulher: «Você não é a primeira em minha vida, mas com certeza será a última», ele sentia isso. Montes de cartas de amor endereçadas a ele, encontradas depois da sua morte, são um testemunho comovente do sentimento que ele inspirava. E, no entanto, este grande distribuidor de afeto nunca se casou. Se bem que tenha proposto casamento repetidamente, e sido aceito, algo acontecia inevitavelmente para impedir o

passo definitivo. Talvez ele soubesse, no fundo, que rapidamente se cansaria da felicidade doméstica. «O casamento», disse ele uma vez, «é o túmulo do amor.»

Em 1793, Casanova foi para a Inglaterra, com a esperança de criar uma loteria estatal. Não falava a língua, e ficou confuso. «Tudo o que se come», lamentava, «tem gosto diferente do que estamos acostumados.» Ocupou uma elegante casa de quatro andares, que compartilhava com uma jovem senhora, portuguesa, de sangue nobre. Alta, bonita e distinta, «Paulina» era a mulher dos sonhos de Casanova. Logo ele estava irremediavelmente apaixonado por ela. Foi o seu último romance inteiramente feliz. Quando ela voltou a Portugal, implorando-lhe que não a procurasse, ele ficou tão perturbado quanto ficara na despedida de Henriette.

Casanova aproximava-se dos 50 anos e morria de saudade da pátria quando o governo veneziano, afinal,

lhe permitiu voltar. Durante oito anos tudo foi bem. Mas outra vez ele se tornou o seu pior inimigo. Instigado por algum demônio perverso, publicou um ataque contra as famílias governantes de Veneza, e foi expulso definitiva e impiedosamente. Passou os últimos anos da sua vida na remota aldeia boêmia de Dux — agora Duchcov, na Tchecoslováquia — cujo proprietário, o jovem Conde Waldstein, o empregara como bibliotecário. Morreu com 73 anos, no silêncio cálido e perfumado da primavera boêmia. Homens de discernimento estão de acordo em que, sob o seu comportamento errático, havia algo muito semelhante à grandeza. Ele escreveu o que poderia ter servido como seu próprio epitáfio: «Quando vejo que o que me faz feliz na velhice são as minhas lembranças, concluo que a minha longa vida deve ter sido mais feliz que infeliz. E, depois de agradecer a Deus, eu me congratulo.»



Coisas de Crianças

Nosso filho caçula tinha de fazer um exame médico antes de ser admitido na escola. O médico perguntou-lhe: «Você tem algum problema com os ouvidos e o nariz?» «Tenho», respondeu ele, «eles sempre me atrapalham quando tiro o suéter.»

— H. W.

No PRIMEIRO dia em que uma garotinha se apresentou no jardim de infância, trazia presa ao casaco uma nota que dizia: «As opiniões expressas por esta criança nem sempre correspondem à maneira de pensar da família.»

— A. F.